



4047 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR CRIANÇAS NEGRAS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS NO CONTEXTO DA CRECHE

Pedro Neto Oliveira de Aquino - UFC - Universidade Federal do Ceará

Sílvia Helena Vieira Cruz - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

O desejo de escutar crianças sobre suas experiências no contexto da Educação Infantil motivou a realização de uma pesquisa que objetivou analisar como crianças negras remanescentes de quilombolas percebem situações de discriminação étnico-racial e como elas reagem a essa percepção. A escuta de crianças negras no contexto de creches e pré-escolas faz parte de um movimento recente de fazer das relações étnico-raciais um tema de investigação e reflexão do campo de pesquisa da Educação Infantil no Brasil. Participaram da pesquisa 15 crianças de três anos. Uma das características contempladas por essa amostra refere-se à predominância de crianças negras (pretas e pardas). A análise dos dados, construídos com o uso de observações e instrumentos específicos, evidencia que as crianças negras parecem mais sensíveis ao pertencimento étnico-racial do que as crianças brancas.

Palavras-chave: Pesquisa com crianças. Identidade étnico-racial. Crianças negras.

Introdução

Conhecer o que as crianças sentem e pensam sobre variados temas relacionados às suas experiências é uma característica inovadora das investigações que assumem a criança como sujeito de pesquisa. O ponto de vista das crianças sobre os temas que lhes dizem respeito tem sido apreendido por pesquisadores que se propõem a realizar pesquisas **com** elas. Para isso, recorrem a estratégias que têm se mostrado eficazes e buscam novas formas de explorar as diferentes linguagens das crianças (CRUZ, 2008).

Além de sujeito competente, as crianças são vistas em seus contextos de vida, ou seja, meninas e meninos são reconhecidos como sujeitos sociais que vivem as suas infâncias em determinados meios e que são por eles afetados, por isso, "(...) vários autores têm destacado que as crianças podem acrescentar informações novas e importantes, que ampliam o nosso conhecimento sobre a realidade" (CRUZ, 2010, p.13).

As crianças são capazes de comunicar suas perspectivas sobre temas que lhes dizem respeito. Dada a discriminação étnico-racial que permeia a sociedade brasileira, não é de se surpreender que as crianças pequenas incorporem representações sociais negativas sobre os negros e as comuniquem. As mensagens estereotipadas que são recebidas e apropriadas frequentemente pelas crianças negras, levam esses meninos e meninas, ao perceberem que não são aceitos e bem quistos e atentar para o que é socialmente valorizado, a demonstrar desconforto em sua condição de negro e revelar o desejo de mudar o tipo de cabelo e a cor da pele (BENTO, 2012).

Este trabalho é parte de uma Monografia de Conclusão de Curso (Pedagogia) de um dos autores, que teve como enfoque o processo de construção da identidade étnico-racial em crianças negras remanescentes de quilombolas que frequentam a creche na sua comunidade, privilegiando a sua perspectiva. O objetivo do presente trabalho é analisar como essas crianças percebem as situações de discriminação étnico-racial e como elas reagem a essa percepção.

Desenvolvimento

Participaram da pesquisa 15 crianças de três anos. Uma das características contempladas por essa amostra refere-se à predominância de crianças negras (pretas e pardas): seis eram pretas, seis eram pardas e três eram brancas. Importa dizer que a atribuição do pertencimento étnico-racial das crianças foi feita pelos pesquisadores.

Os dados analisados a seguir foram construídos por meio de entrevistas coletivas, como também por meio da escuta que se fez das crianças em oito observações realizadas. A entrevista coletiva com as crianças foi norteada por uma *História para completar*.

A história produzida para compor os procedimentos da pesquisa é intitulada "A menina Vitória" e apresenta em forma de narrativa as primeiras experiências de uma menina recém chegada a uma comunidade de remanescentes de quilombolas. A fim de compreender como as crianças percebem e reagem à uma suposta situação de **negação do pertencimento étnico-racial** foi incluído o seguinte fato nessa história:

"Pessoal, um certo dia desses, em que a Vitória estava na escola, uma fadinha apareceu pra ela e pro irmão dela. A fadinha disse que ela podia fazer qualquer coisa que as crianças pedissem. Ela era mágica, qualquer coisa que eles pedissem ela podia fazer!. O que será que a Vitória pediu pra Fadinha? O que vocês acham que ela queria muito e ia pedir pra fadinha?. (Após as crianças expressarem o que achavam que a Vitória queria, o pesquisador continuava) E sabe o que foi que o irmão da Vitória quis pedir pra Fadinha? Ele pediu que ela mudasse ele: que ela fizesse ele agora ser branco. Por que será que ele pediu isso? Será que ele não gostava de ser preto/negro? Por que será que ele não gosta de ser preto/negro? O que vocês acham sobre isso? O que nós podemos dizer pra ele?".

Tentou-se compreender também como as crianças percebem e reagem à uma suposta situação de **discriminação étnico-racial**. Para isso, também se incluiu a seguinte situação na história:

"E sabe o que mais aconteceu com a Vitória e o irmão dela na escola? Um certo dia, a Vitória e o irmão dela estavam na sala com outras crianças, daí chegou um menino e gritou: Sai daqui seus pretinhos. Por que será que esse menino fez isso? O que vocês acham sobre

isso? Tem alguém que pode ajudar a Vitória e o irmão dela? Como será esse menino que fez isso com a Vitória e o irmão dela?".

O procedimento de escuta sobre as situações apresentadas acima contou com a participação de sete crianças, divididas em dois grupos. Os grupos foram formados por crianças negras (pretas e pardas) e brancas. Constituíram o Grupo 1, José (branco), Maria (Parda) e Helena (Preta). O Grupo 2 foi composto por Nízia (preta), Tereza (parda), Aurora (branca) e Santo (preto). Os nomes dos sujeitos participantes da pesquisa são fictícios, resguardando, dessa maneira, o direito ao anonimato.

Foi possível constatar que **a percepção que as crianças negras remanescentes de quilombolas têm sobre as relações entre crianças negras e brancas**, ainda que com pouco tempo de vida, é um dado significativo.

O primeiro fato apresentado na aplicação em questão foi o de negação do pertencimento étnico-racial, quando, na história, o irmão da menina Vitória pede para que a fadinha mágica mudasse ele, o fizesse ser uma pessoa branca. No primeiro grupo, José (branco) considera o desejo por brincar com determinada pessoa como o elemento motivador para que o menino fizesse tal pedido:

Pesquisador: E o que vocês acham sobre isso, do irmão da Vitória não gostar de ser negro?

José: É porque ele quer brincar no parquinho, com a amiga dela.

Pesquisador: E pra brincar no parquinho com a amiga dela, ele tem que ser branco?

José e Maria: Não.

Pergunto: Ele pode ser negro também?

José indica que não.

José afirma que o menino preto pediu para ser branco para poder brincar no parquinho com a amiga dela. Contudo, não se explorou com José se a menina era negra ou branca. Acompanhado de Maria, José acrescenta que, para brincar no parquinho, o menino não precisava ser branco. Por isso, não é possível aventar a hipótese de que José considerava que o irmão da Vitória precisaria ser branco para brincar no parquinho com outras crianças.

As repostas de José (branco) e de Maria (parda) em relação ao sentimento do menino negro da história quanto ao seu pertencimento étnico-racial foram oscilantes, especialmente, as de José:

Pesquisador: Por que será que o irmão da Vitória pediu pra ser branco?

Pesquisador: Será que ele não gosta de ser negro?

José diz baixinho: Não.

Pesquisador: Ele não gosta de ser negro?

José e Maria acenam que "não", inclusive, com o dedo.

Pesquisador: Porque será que ele não gostava de ser negro?

José: Porque ele não gosta.

Em seguida, José diz: Porque ele gosta.

Já Santo (preto) afirmou duas vezes que o menino não gosta de ser negro:

Pesquisador: Santo, será que o irmão da Vitória não gosta de ser negro?

O menino indica que "não".

Pesquisador: Ele não gosta de ser negro?

O menino novamente sinaliza que "não".

Os dois diálogos acima podem ser refletidos a partir do "lugar" do qual cada uma das crianças escuta e participa da complementação da história. Enquanto José (branco) se posiciona de forma dúbia (afirma que o menino não gosta de ser negro, mas, logo em seguida diz que ele gosta), Maria e Santo, ambos negros, permaneceram com suas respostas positivas quanto ao desagrado do menino negro da história com o seu pertencimento étnico-racial. É possível levantar a hipótese de que José ainda não tenha sido levado a atentar para o seu pertencimento branco; possivelmente, o menino ainda não percebeu se e como esse fator influencia na forma como os outros interagem com ele. Segundo Oliveira (2007, p. 16), "as crianças brancas não necessitam lidar com sua identidade racial, não precisam se fazer aceitar ou lidar com a rejeição em termos raciais, nunca são interpeladas racialmente". Por isso, não se tornam sensíveis às diferenças de cor de pele, de tipo de cabelo etc. de seus pares (principalmente, quando são maioria).

Por outro lado, as crianças negras, Maria e Santo, já podem ter vivido situações em que a cor da pele e outros traços, como por exemplo, o cabelo, foram percebidos por eles como fatores importantes nas relações entre eles e os outros. Vale dizer que esses outros (brancos) são minoria nas experiências das crianças, mas, nem por isso, despossuídos de influência, já que, além das pessoas brancas na instituição (como por exemplo, a maioria das professoras), as crianças também são apresentadas a vários estereótipos brancos presentes na ornamentação da sala e na decoração dos seus materiais pessoais (aspectos constatados por meio das observações). Em função dessa percepção, as crianças negras não têm o mesmo conforto se comparadas às crianças brancas. Elas terão de viver o desafio de se diferenciarem desde cedo, não pela condição de terem nascido negras, mas, em virtude das experiências que vivenciam em torno disso (OLIVEIRA, 2007).

Após ouvirem a situação na qual uma criança grita "Sai daqui seus pretinhos!" para Vitória e para o seu irmão, o grupo foi questionado

sobre como seria esse menino que disse isso para os irmãos negros:

Pesquisador: Como será esse menino que disse isso pra eles?

José e Maria apontam para as crianças da imagem.

Pesquisador: Esse menino não tá aqui (apontando para a imagem).

Pesquisador: Como é que vocês acham que ele é?

José diz: Ele é branco!

Pesquisador: Porque ele é branco, José?

Maria diz: Ele vai ficar de castigo.

José diz: Porque ele é invisivo [invisível].

Inicialmente, as crianças sugerem que foi de uma criança que está presente na imagem que a fala partiu (na realização do procedimento foram utilizadas imagens que representam cada momento da história). Todas as outras crianças da imagem são negras, assim como Vitória e o seu irmão. Neste momento, se esclarece para as crianças que o menino que diz "Sai daqui seus pretinhos" não está na imagem.

A gravação em vídeo da reação das crianças à situação de discriminação apresentada mostra que Maria (parda) reagiu à situação apresentada com um breve riso, o que pode ter resultado de uma tentativa inconsciente de camuflagem e proteção da conduta discriminatória relatada. É imprescindível mencionar que, depois da fala de José a respeito de que a criança era branca (invisível), a menina complementou dizendo que ele ficaria de castigo. Além de ter expressado desconforto com a situação, Maria manifestou compreender que a ação da criança para com Vitória e o seu irmão não foi uma atitude correta, por isso ele ficaria de castigo. Segundo Cruz (2015, p. 12), na pesquisa *Campaña Latinoamericana por el Derecho a la Educación*, realizada em 2013, "(...) crianças maiores, de cinco a sete anos, também se mostraram sensíveis aos sentimentos que a situação discriminatória provoca em suas vítimas e isso pareceu ser importante para que elas julgassem a discriminação como algo 'errado' ou 'feio'".

Na continuação da conversa sobre a situação de discriminação étnico-racial vivenciada pelos irmãos negros na história, o pesquisador perguntou o motivo do menino ter gritado aquilo com eles e Santo (preto) respondeu: "Ele não gostava deles".

Santo manifestou tanto na resposta anterior como na mencionada acima uma percepção sensível para as relações entre crianças negras e brancas. Na situação anterior, o menino disse que o irmão de Vitória não gosta de ser negro, e nesta ele afirma que a criança que ofendeu os irmãos não gostava deles. Mas, em que medida o pertencimento étnico-racial do próprio menino ou dos personagens da história tem influência sobre suas respostas? As informações que se tem sobre Santo são ínfimas, pois, nos dias observados, o menino não se manifestava muito, por isso é mencionado com pouca frequência nos trechos de diários de campo que registram fatos como brincadeiras e conflitos. Foi percebida uma atitude mais observadora e tímida por parte do menino, que passava boa parte do tempo sentado e calado (quando falava, era baixo), participava das brincadeiras quando estas eram consentidas pela professora e, poucas vezes, o menino se dirigiu à ela (com o pesquisador, essas situações foram ainda mais raras). Em síntese, se pode caracterizar os comportamentos do menino como introspectivos, o que segundo Oliveira (2007) pode ser uma das formas como as crianças negras respondem às sutilezas do racismo introduzido, quando a discriminação racial se dá em um silêncio social.

Conclusão

A escuta de crianças negras no contexto de creches e pré-escolas faz parte de um movimento recente de fazer das relações étnico-raciais um tema de investigação e reflexão do campo de pesquisa da Educação Infantil no Brasil.

Os achados produzidos por meio da escuta de crianças negras remanescentes de quilombolas, promovida com a observação e uso de instrumentos específicos para tal, evidenciam que, no contexto pesquisado, as crianças negras parecem mais sensíveis ao pertencimento étnico-racial do que as crianças brancas. Uma menina e um menino negros demonstraram perceber o teor da situação de negação do pertencimento étnico-racial, assim como da situação de discriminação. Ambos também reagiram sensivelmente às situações que foram contadas, inclusive, expressando reprovação em relação à atitude de discriminação étnico-racial.

Referências

BENTO, M. A. S. (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos jurídicos, políticos e conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2012.

CRUZ, S. H. V. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Ouvir crianças: uma tarefa complexa e necessária. In: SOUZA, M. P. R. (Org.). **Ouvindo crianças na escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 11-19.

_____. Considerações acerca da discriminação étnico-racial em crianças pequenas. In: **37ª Reunião Nacional da ANPEd**, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, L. **Tímidos ou indisciplinados?**. São Paulo: NEINB(USP)/MEC, 2007.

